

TAYANE AIDAR ABIB & MAURO DE SOUZA VENTURA

tayane.abib@unesp.br; ms.ventura@unesp.br

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Brasil

O PROTAGONISMO DO HOMEM ORDINÁRIO NO JORNALISMO: REFLEXÕES A PARTIR DA NARRATIVA DE BRU ROVIRA

RESUMO

Neste estudo, desenvolve-se uma análise interpretativa da narrativa jornalística do catalão Bru Rovira, presente em sua obra *Solo pido un poco de beleza* (2016), que reúne textos de sua autoria originalmente publicados no jornal *La Vanguardia*, entre os anos de 2004 a 2007, sobre personagens anônimas de Barcelona, especificamente sobre um grupo de ex-alcoolatras que semanalmente se encontram no Centro de Serviços Sociais do bairro El Gotic, de modo a evidenciar o protagonismo noticioso do sujeito ordinário, em alusão às reflexões de Michel de Certeau (1994). A partir da escolha de Bru Rovira em narrar o que ele mesmo designa de *carreteras* secundárias do jornalismo, discute-se sobre a potencialidade de dinâmicas informativas alinhadas à noticiabilidade do cotidiano, em ordem de contraposição aos valores de desvio e proeminência social que tradicionalmente caracterizam o acontecimento e a cultura jornalística, e que predominantemente inscrevem a cobertura da imprensa em termos de imprevisibilidade e figuras oficiais. Com isso, busca-se destacar elementos teóricos e dispositivos práticos convergentes à uma noção de desacontecimento enquanto notícia, sendo esse uma espécie de movimento de resistência de profissionais que, a despeito de constrangimentos organizacionais diversos, reportam os contextos de atores sociais que se situam à margem do interesse hegemônico público e midiático.

PALAVRAS-CHAVE

cotidiano; Bru Rovira; narrativa jornalística; personagens anônimos

INTRODUÇÃO

“Quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos ‘obscuros heróis’ do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros (...). Como tudo isto é admirável!”, diz-nos Michel de Certeau (Certeau, Giard & Mayol, 2000, p. 342), em sua obra *A invenção do cotidiano*. Para além das representações oficiais, o historiador francês não nos deixa esquecer de que a cultura é de fato organizada e sustentada pelas dimensões da oralidade e do ordinário, e de que há a apropriação, pelos homens e mulheres comuns, de astúcias sutis para caminhar pela “floresta dos produtos impostos” (Certeau, 1994, p. 13).

Em *Aproximações do quê?*, o romancista Georges Perec (2010, p. 178) reflete sobre a noção de “infra-ordinário” e contribui para uma aproximação entre tal perspectiva e o jornalismo, lançando as indagações que orientam esse nosso estudo: “os jornais falam de tudo, exceto do corriqueiro. (...) O que acontece realmente, o que nós vivemos, o resto, todo o resto, onde ele está? O que se passa a cada dia, o banal, o ruído de fundo?”. Nossos esforços teóricos se concentram, neste sentido, em investigar práticas jornalísticas que se alinham à noticiabilidade do cotidiano e elegem reportar a voz de pessoas ordinárias, em contraposição ao valor de desvio e proeminência que caracteriza o acontecimento jornalístico.

Se a dinâmica noticiosa hegemônica (Traquina, 2005) “marca” o mundo apenas com o visível imediato, interessa-nos enfatizar narrativas que registram “o invisível que caracteriza os desejos e as esperanças” (Sodré, 2009, p. 99), configurando o que aqui optamos por denominar por desacontecimento jornalístico (Ventura & Abib, 2015). Especificamente, propomos desenvolver nossa reflexão a partir da narrativa de *carreteras* secundárias do espanhol Bru Rovira, manifesta em seu livro *Solo pido un poco de belleza* (2016).

Atualmente, Rovira trabalha como jornalista independente, colaborando como repórter do programa *A vivir que son dos días*, da emissora radiofônica Cadena SER, mas sua carreira profissional é marcada por sua atuação, durante 25 anos, no diário *La Vanguardia* de Barcelona. Interessado por histórias de gente comum, que não costumam estampar a capa de periódicos, Rovira escolhe aproximar-se das experiências do dia a dia para mostrar, tal qual pontua Hoggart (1973), que “a vida das pessoas não é imaginativamente tão pobre como a mera leitura da literatura que lhes é dirigida poderia fazer-nos crer” (p. 198).

Na obra em questão, que compila textos originalmente publicados no diário catalão, entre 2004 e 2007, o periodista escreve sobre Vittorio,

um ex-mercenário italiano de guerras africanas, e seus amigos, *el bando de los poetas*, conferindo destaque noticioso a um grupo de antigos alcoólatras da *Ciutat Vella*, de Barcelona, que, todas as quartas-feiras, reuniam-se para prestar suporte uns aos outros. Ao acompanhar esses encontros, em um centro de serviço social da cidade, o repórter assume uma prática jornalística que, para além da asséptica mediação, registra a autoria solidária, no “despertar de uma atitude que (...) faz reaflorescer a relação intersubjetiva” (Medina, 2006, p. 12).

A partir de uma análise interpretativa das reportagens do referido livro, esperamos, assim, discutir teoricamente a dimensão do cotidiano e o valor do sujeito ordinário, destacados por Certeau (1994), identificando-os como recursos narrativos possíveis ao jornalismo, de modo a aproximar os Estudos Culturais aos processos produtivos da notícia.

DESACONTECIMENTO JORNALÍSTICO

O acontecimento, diz-nos Charaudeau (2009, p. 95), “nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto”, mas “depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível”. Em Muniz Sodré (2009, p. 38), esse sistema de pensamento é referido como enquadre, isto é, “um sistema de referências (regras, esquemas interpretativos) (...) que se afina evidentemente com a cultura de um grupo específico”. Tribo jornalística é o termo assumido por Nelson Traquina (2005) para ressaltar que entre a comunidade profissional há a partilha de um quadro comum de referências cognitivas, perceptivas e avaliativas a moldar o produto jornalístico: especificamente, o autor evidencia as maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar dos membros dessa tribo.

Em outras palavras, a cultura noticiosa é composta pelos saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração, que caracterizam o agir profissional e orientam o universo da informação midiática que, como bem sublinha Charaudeau (2009, p. 151), “é efetivamente um universo construído”. Ainda que os membros da comunidade profissional resistam a discussões que se contraponham à teoria do espelho, uma vez que sua legitimidade está assente na crença social de que as notícias refletem a realidade¹, o conteúdo midiático – tal qual reforçam os autores aqui

¹ Dizer que uma notícia é uma estória, na visão de Gaye Tuchman (1999a, p. 262), não é, de modo algum rebaixar a notícia, ou acusá-la de ser fictícia. Melhor, “alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais uma realidade seletiva do que uma realidade sintética, como acontece na

articulados – denota a presença de um *ethos* especializado a guiar cada etapa da produção informativa:

a notícia constitui-se como o relato de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação. Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da “cultura” jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa. (Sodré, 2009, p. 71)

Alinhados à perspectiva de Sodré (2009), portanto, evidenciamos que a dinâmica jornalística, operando tradicionalmente em função de referências cognitivas, perceptivas e avaliativas, não trabalha com fatos brutos, mas sim, com aquilo que o intelectual brasileiro denominou de “fatos marcados”.

A ideia de marcação vem precisamente sublinhar que não é qualquer fato que desperta o sistema da informação pública, isto é, que ganha o estatuto de noticiável. Antes, é preciso que esses fatos se integrem a parâmetros definidos e difundidos pela cultura profissional – os critérios de noticiabilidade, que nada mais fazem que estabelecer um controle nos fluxos, econômicos, políticos e sociais, que atuam no espaço urbano. O acontecimento jornalístico é, no fundo, um objeto de racionalizações: desde o seu surgimento, passa por uma série de adequações, estruturando-se de acordo com as lógicas e interesses das corporações. De fato, podemos dizer que um acontecimento só se torna acontecimento ao passar pelo que Charaudeau (2009) chama de “máquina de informar”, quer dizer, por filtros construtores de sentidos, ou, nas palavras de Tuchman (1978), por uma “teia de facticidade”² e, ainda em Traquina (2005), pelas categorias estratégicas da “Novaslândia”.

Se o acontecimento, isto é, o ponto de partida de toda dinâmica jornalística, é resultado de uma leitura, estamos diante de uma assertiva central nesse nosso estudo: “a seleção dos acontecimentos impõe um certo recorte do espaço público e uma certa configuração do acontecimento” (Charaudeau, 2009, p. 137). Precisamos, por isso, problematizar a reflexão sobre os fatores que presidem as escolhas efetuadas pela instância mediática e sobre as próprias implicações de suas operações.

literatura, existem por si só. Eles são documentos públicos que colocam um mundo à nossa frente”.

² “*News judgement*: entendido como a sua experiência e senso comum que lhe permitam atribuir aos fatos o valor de ‘importantes’ e ‘interessantes’. Parece que o *news judgement* é o conhecimento sagrado, a capacidade secreta do jornalista que o diferencia das outras pessoas” (Tuchman, 1999b, p. 85).

Assumindo, na linha de pensamento do autor francês, que o acontecimento “só pode emergir numa fratura” (Charaudeau, 2009, p. 101), constatamos que a própria mirada jornalística e, conseqüentemente, a nossa relação com a realidade que nos cerca, situa-se no nível ora do notável, ora do inesperado e ora da desordem. Não à toa, Adriano Duarte Rodrigues (1999, p. 27) fala em “natureza especial do acontecimento”, para indicar a percepção de que o mesmo é ditado pela lei da imprevisibilidade, enquanto Stella Martini (2000) o descreve como “uma ruptura que se destaca sobre um fundo uniforme e constitui uma diferença” (p. 30).

Está-se a enfatizar, em todas essas acepções, o potencial de saliência como característica principal do acontecimento jornalístico, quer dizer, o seu caráter de irrupção do improvável: quanto menos previsível for, mais interesse deverá despertar entre os membros da tribo jornalística. Esse aspecto, afinal de contas, é como a constante que prevalece em todos os estudos de noticiabilidade³. A prática hegemônica, ou tradicional, das organizações jornalísticas, considerando os processos de seleção que foram histórica e culturalmente construídos, “marca” o mundo apenas com o visível imediato, ainda que dele também faça parte, alerta-nos Sodré (2009, p. 99), “o invisível que caracteriza os desejos e as esperanças”.

Ora, precisamos nos lembrar de que toda escolha se compõe daquilo que retém e daquilo que despreza. A escolha, pontua Charaudeau (2009), “põe em evidência certos fatos, deixando outros à sombra” (p. 38). Há, neste sentido, determinados aspectos da realidade que acabam por ficar de fora de nosso conhecimento sobre o que nos cerca, uma vez que não ganham a marcação da noticiabilidade pelo grupo profissional. Esses fatos que Sodré (2009) denomina como “não-marcados” não significam fatos sem importância social, mas sim “fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística (...) normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (p. 76).

Trata-se do que aqui elegemos designar desacontecimento jornalístico, como que a indicar uma matriz de resistência aos critérios tradicionais de produção da notícia, um certo tipo de estratégia de narração do fato social. Em consonância com o tom provocador da jornalista brasileira Eliane

³ Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965) foram os primeiros a apresentarem uma lista sistematizada de valores-notícia. Mauro Wolf (2003), Nilson Lage (2001), Manuel Chaparro (2004), entre outros teóricos da Comunicação, também abordaram a noticiabilidade, no âmbito de uma cultura jornalística. Optamos por pontuar, aqui, as formulações de Nelson Traquina (2005) acerca dos critérios de seleção, no subgrupo dos critérios substantivos, que se referem à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia: morte, notoriedade (destaque ou visibilidade do ator principal), proximidade (geográfica ou cultural), relevância (impacto do acontecimento), novidade, tempo (atualidade), notabilidade, inesperado, conflito e infração.

Brum⁴ (2013, p. 13), que com esse conceito definiu sua dinâmica, a palavra “dá conta de uma escolha: escrever sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história”.

A responsabilidade das mídias, ao fim e ao cabo, adverte Charaudeau (2009, p. 271), reside em suas escolhas – a seleção dos acontecimentos, a identificação das fontes, os modos de tratamento do acontecimento relatado –, e se os meios têm priorizado uma agenda que trata do insólito, nosso propósito é discutir uma cobertura que opta por se colocar à sombra da desordem aparente, inscrevendo-se, portanto, sob a parte saliente do *iceberg* noticioso. Reafirmamos, neste sentido, o lugar desses outros acontecimentos que não costumam chegar ao conhecimento social, isto é, reiteiramos, no tabuleiro dos enquadres jornalísticos, uma posição de destaque aos desacontecimentos.

No fundo, é como se o interesse noticioso dessa tal matriz operasse às avessas, em código contrário à própria natureza de imprevisibilidade que constitui um acontecimento: se a história da imprensa testemunha uma predileção pelo insólito ou pela desordem, um certo tipo de anti-notícia deve se pautar pelo rotineiro ou pelo comum – em ordem da quebra, a continuidade; no lugar do extraordinário, o banal. O que se repete. O que é de todos os dias. A noticiabilidade provocativa ao *modus operandi* hegemônico reside, assim, no território da vida cotidiana, essa vida de *todo* ser humano, como define Agnes Heller (2000, p. 17), “onde todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico”.

O cotidiano, de acordo com Heller (2000), é onde se manifesta o sujeito por inteiro, isto é, onde ele manifesta os aspectos de sua individualidade, onde pode colocar “em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias”. Michel de Certeau (1994) nos diz que o cotidiano, aquilo que nos é dado cada dia e que nos cabe em partilha, é fadiga, mas é também desejo. É o peso da vida e dificuldade de viver, é aquilo que nos prende intimamente, mas é também “um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares, memórias do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres” (p. 31).

⁴ A jornalista gaúcha iniciou sua carreira profissional no diário *Zero Hora*, de Porto Alegre, em 1989, onde permaneceu atuando como repórter até 2000. Dessa primeira fase de seu trabalho, é possível encontrar um compilado de suas reportagens no livro *A vida que ninguém vê* (2006). Em 2000, mudou-se para São Paulo e colaborou, por treze anos, como repórter especial e colunista da revista *Época*. Desse período resulta sua obra *O olho da rua* (2008). Desde novembro de 2013, Eliane Brum assina colunas quinzenais, também traduzidas ao espanhol, no *El País* Brasil, *El País* Espanha e *El País* América Latina.

A fim de delinear o eixo narrativo central a que se dedica o desacontecimento, aprofundamos, na sequência, a discussão acerca do cotidiano, como espaço de onde podem emergir pautas jornalísticas, e de pessoas ordinárias, como voz e fonte elegida para contar histórias.

A VOZ DAS PESSOAS-ORDINÁRIAS

Vale atrelarmos a discussão sobre a noticiabilidade do cotidiano à seleção de vozes que compõem a narrativa jornalística. Heller (2000) nos ensina, afinal, que por trás do ritmo fixo, da repetição e da rigorosa regularidade que estrutura a cotidianidade, cada qual “se apropria a seu modo da realidade e impõe a ela a marca de sua personalidade” (p. 40). Cabe-nos olhar, deste modo, já que nosso intento, em última instância, é alcançar um modelo comunicativo de ordem mais complexa – polifônico e polissêmico –, à figura dos anônimos como protagonistas de um universo jornalístico de desacontecimento.

Buscamos, com maior frequência do que deveríamos, as fontes oficiais e as fontes de poder para protagonizarem nossos registros. Não por acaso, diz-nos Cremilda Medina (2008, p. 26), “que todo eficiente editor tem a agenda de telefones úteis na gaveta da mesa de trabalho. São, quase sempre, figuras proeminentes de cada setor, cuja palavra se mede pelo poder que representam”. E onde fica o testemunho do povo, indaga a autora brasileira em sua obra *Povo e personagem* (1996), onde fica o lugar das pessoas comum, onde há espaço para os anônimos, se não nos meios que ali estão para lhes prestarem serviço?

O teórico brasileiro Nilson Lage (2005) destaca que já no início do século XX as fontes consultadas precisavam ter um certo tipo de prestígio: políticos, funcionários públicos em geral, diretores de empresa, viajantes. Os repórteres se inseriam em portos, estações ferroviárias e em qualquer evento considerado de interesse público. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o contato com as pessoas supostamente notáveis passou a ser feito com intermediação de um profissional, via assessorias de comunicação. Desde a emergência da *penny press*, assim, a mídia estabeleceu uma relação estrutural com os chamados definidores primários – colocando-se, inclusive, em posição de subordinação a essas fontes “poderosas”.

Isso porque o campo jornalístico, explica-nos Traquina (1999), opera segundo a convenção da credibilidade da autoridade, isto é, quanto mais alta é a posição da fonte, melhor informador considera-se ser. Eis o raciocínio: “a posição de autoridade confere credibilidade. Algumas pessoas,

pela posição que ocupam, sabem mais que outras pessoas, daí, devem ter acesso a mais factos e, então, sua informação deve ser, em princípio, mais correta” (Traquina, 1999, p. 172). Se observarmos a tipificação clássica da natureza das fontes, veremos que é precisamente esse o critério para as atribuições. As fontes oficiais, de acordo com Lage (2000, p. 27), são mantidas pelo Estado ou por instituições que dele preservam algum poder; as fontes oficiosas são aquelas que estão ligadas a uma entidade, porém não autorizadas a falar em nome dela; e as independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder. Dentre as três, apesar dos interesses estratégicos que circundam os grupos dominantes, são as fontes oficiais as tidas como mais confiáveis.

Percebemos, deste modo, a dependência que se estabelece entre os profissionais e esses canais de rotina. A produção de notícias, neste sentido, descreve Michael Schudson (1986), é “normalmente uma questão de representantes de uma burocracia apanhando notícias pré-fabricadas de representantes de outra burocracia” (p. 31). Dificilmente, por isso, vemos o jornalista mover esse moinho e arriscar-se através do povo e personagem. A inquietude que nos leva a este estudo decorre, justamente, da constatação de que precisamos alargar os horizontes da mediação social da informação. E se quisermos, efetivamente, mudar nossas atitudes, teremos de trabalhar com o aparato da relação, tomando lugar de cada procedimento ainda ditado pela lógica instrumental. Quando esse dia chegar, anseia Medina (1996), poderemos dormir com a consciência um pouco mais serena: “o povo terá, da parte do jornalista, a cosmovisão que ele merece nessa luta para que todos sejamos humanos” (p. 26).

Para além de um dirigismo técnico, e em consonância com a proposta de inserção cotidiana anteriormente detalhada, defende-se aqui um movimento contrário dos profissionais às vias oficiais e oficiosas, em direção à compreensão das demandas e desejos de seu povo. Se nossa responsabilidade está em nossas escolhas, então um mediador social, por excelência, deve ser consciente da visão do mundo com que trabalha e que difunde ao conhecimento coletivo.

Quando atribuímos legitimidade e crédito apenas às fontes do poder, damos forma a uma espécie de unilateralidade da informação, como se concordássemos que somente os poderosos têm lugar de fala. Pela escolha das fontes consultadas, no entanto, sabemos que temos a oportunidade de promover um diálogo mais democrático. A cultura, afinal de contas, e isso aprendemos com Michel de Certeau (1994), não deve ser resumida por uma representação oficial ou pela política econômica, mas valorizada pelos

elementos mesmo que a sustentam e a organizam: o oral e o ordinário. Dela fazem parte, neste sentido, sobretudo aqueles atores que se situam no terreno das experiências coletivas, naquilo que Michel Maffesoli (1984, p. 8) chama de “situacionismo popular”.

Há uma centralidade subterrânea, muito destacada pelo sociólogo francês quando aborda a temática do cotidiano, que questiona os dirigentes políticos, os altos funcionários ou empresários: os bárbaros, não nos deixa esquecer o autor, “quaisquer que sejam os seus nomes, estão dentro de nossos muros e que, em parte, nós também estamos” (Maffesoli, 1984, p. 8). Frente aos posicionamentos que fizeram do povo um sujeito histórico sempre enganado, é preciso reconhecer, e nesse aspecto concordam Maffesoli (1984) e Certeau (1994), que esses atores souberam usar de astúcia para com essa dominação:

para além da “imposição mortífera”, existe sempre uma reapropriação, existe sempre uma criação mínima cuja eficácia não pode ser subestimada. Sem isso, como explicar a poderosa vitalidade, cuja permanência pode ser constatada, e que, de maneira diluída ou de forma cristalizada, estrutura, de ponta a ponta, todo o conjunto social? É evidente que, muitas vezes, tal vitalidade se retrai ou mesmo se esgota, brusca ou lentamente; contudo, jamais desaparece por completo. Apenas sua inscrição se modifica ou sua expressão se desloca. (Maffesoli, 1984, p. 19)

Como tivemos a oportunidade de evidenciar no tópico anteriormente discutido, existe uma espontaneidade criadora no domínio da vida ordinária. Paralelamente à organização oficial, há indivíduos que protestam, cada qual com suas capacidades, e que assim se inserem nessa trama da vida cotidiana. A essa força que brota do povo e que o estrutura enquanto tal, Maffesoli (1984, p. 154) se refere como *leitourgia*, uma espécie de poesia do cotidiano que é, na verdade, a própria tradição oral, que tem vez para inscrever os minúsculos do dia a dia. Essa retórica popular, a palavra que circula e que notadamente era mais valorizada nas sociedades tradicionais, é também um elemento de nossa socialidade de base, quer dizer, de nossa potência social.

Parece haver uma espécie de resistência da elite como um todo, e aqui enfatizamos o lugar dos jornalistas, quanto à vitalidade que carrega esse sujeito comum, a princípio considerado até sem qualidade. No entanto, é o ser humano concreto, em suas ações e relações, que dinamiza a vida. Não à toa, em célebre ensaio, Michel de Certeau (1994) nos assinalou que o homem ordinário é o nosso herói comum. É um caminhante

inumerável, ele nos diz. “Um herói anônimo (...) murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Ninguém os espera. Zombam dele” (Certeau, 1994, p. 57). Mas as Ciências Sociais já nos indicam que é tempo de abandonar “os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados” (Certeau, 1994, p. 57).

É mais embaixo, continua Certeau (1994), a partir dos limiares onde cessa o que é visível, que podemos encontrar esses praticantes ordinários da cidade. “São caminhantes, pedestres, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo” (Certeau, 1994, p. 171). Vivem em espaços onde não conseguem se ver, suas criações são ignoradas e escapam à legibilidade oficial, como se “uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada” (Certeau, 1994, p. 171). Mas esse sujeito ordinário não se conforma a essa realidade. E o historiador francês é convicto de que esses atores têm táticas de resistência, “artes de fazer, astúcias sutis” ele assim as nomeia, para conseguirem caminhar por uma floresta de imposições. O cotidiano, afinal de contas, “se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (Certeau, 1994, p. 38).

Há outras maneiras de fazer, assim, silenciosas e quase invisíveis, pelas quais os sujeitos se reapropriam dos espaços e da própria história. Na defesa do autor, é como se esses modos de proceder sobre os detalhes do cotidiano compusessem, no limite, uma rede de antidisciplina – em alusão dialética ao pensamento de Michel Foucault em *Vigiar e punir* (1975). Essa marginalidade, que tampouco é homogênea, instaura pluralidade e criatividade no tecido social: “metaforiza a ordem dominante, fazendo-na funcionar em outro registro (...) modifica-na sem deixa-la” (Certeau, 1996, p. 95):

produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista, (...) traçam ‘trajetórias indeterminadas’, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. (...) A tática é a arte do fraco. (...) O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso”: “quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia”. Traduzindo: tanto mais se torna tática. (Certeau, 1996, p. 101)

Ao que encerra sua obra – *A invenção do cotidiano* (1994) – com uma constatação que, lamentavelmente, também cabe ao jornalismo: “quanto

nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos ‘obscuros heróis’ do efêmero” (p. 342). Cumpre-nos, por isso, aconselha Maffesoli (1984, p. 11), em uma assertiva que pode muito bem interpelar jornalistas, atentar-mo-nos “para esta vida de todo dia que, de modo caótico e aleatório, no tédio e na exuberância, prossegue seu caminho de modo obstinado e um tanto incompreensível”.

Considerando esse panorama teórico inicial, avançamos para uma análise de tom descritivo-interpretativo sobre a dinâmica jornalística do repórter catalão Bru Rovira, buscando sublinhar os dispositivos narrativos mobilizados por ele na tessitura de sua obra *Solo pido un poco de belleza* (2016) e, assim, evidenciar o protagonismo do homem ordinário que constitui a noticiabilidade do universo do desacontecimento.

A NARRATIVA DE CARRETERAS SECUNDÁRIAS DE BRU ROVIRA

Na linha da provocação de Stephens (1993), comentada anteriormente quando discutíamos sobre o sentido convencional de noticiabilidade jornalística, Patrick Charaudeau (2009), quando também discorre sobre sua acepção de acontecimento, pondera que há aspectos do mesmo que são comumente descartados pela comunidade profissional: “um deles reside em sua regularidade, o acontecimento podendo aparecer no cotidiano social. Daí a incapacidade das mídias em tratar da outra face do dia-a-dia, do verdadeiro cotidiano” (p. 142). Ora, como salientamos outrora, o acontecimento jornalístico que desperta o interesse da tribo significa a ruptura, que constitui uma diferença sobre um fundo uniforme.

A matriz noticiosa do desacontecimento, no entanto, poderíamos dizer, dialogando com o romancista francês Georges Perec (2010, p. 178), trata daqueles fatos inscritos no âmbito do infra-ordinário:

quem nos fala, me dá a impressão, é sempre o acontecimento, o insólito, o extraordinário: na capa, letras garra-fais. Os trens só começam a existir quando descarrilam; (...) os aviões somente concedem sua existência quando são sequestrados (...) como se a vida não devesse revelar-se nada além do espetacular, como se o eloquente, o significativo fosse sempre anormal: cataclismos naturais ou calamidades históricas, conflitos sociais, escândalos políticos... (Perec, 2010, p. 179)

Nessa perspectiva, em que os desapercibidos ganham destaque, é que Rovira, numa entrevista ao *El País* (Bru Rovira: “Busco las carreteras

secundarias del periodismo”, 2004, § 5), situa sua narrativa, afirmando que não busca ir, “em princípio, onde vão todos”, mas que se interessa por aquilo que denomina de “as *carreteras* secundárias do jornalismo”. Trabalhando atualmente como jornalista independente, e colaborando com o programa *A vivir que son dos días*, da emissora espanhola Cadena Ser, a carreira profissional de Rovira é marcada por sua atuação como repórter, durante 25 anos no jornal *La Vanguardia*, de Barcelona. Nessa trajetória, consagrou-se na cobertura de pautas sociais e internacionais⁵ e reuniu material jornalístico para a publicação de um de seus livros elegido como objeto de análise desse nosso estudo.

Em *Solo pido un poco de belleza* (2016), o jornalista compila as reportagens que publicou entre os anos 2004 e 2007, sob a coluna *Carreteras secundárias*, no suplemento dominical do diário catalão, sobre um grupo de ex-alcoolátras que viviam no bairro El Gòtic e se reuniam semanalmente no Centro de Serviços Sociais da Ciutat Vella. Na obra em questão, destacamos sua opção narrativa pelo homem ordinário, pelo presente banal e talvez monótono que, lembra-nos Michel Maffesoli (1984), “não é vazio e homogêneo, mas, ao contrário, é carregado de intensidade que jorra da própria textura do que constitui o cotidiano” (p. 153).

Nas histórias dos amigos Vittorio, Ramon, Juan Benavente, Juan Carlos, José Antonio, Abdellah e Nordin, Rovira abre espaço para as lembranças e significâncias desse “bando de poetas” que, para suportar a aspereza dos dias, por vezes, fantasiavam a realidade. O fantástico e a ficção, afinal de contas, também nos fala Maffesoli (1984, p.67), “não possuem outro sentido senão organizar um espaço vital, tornando o cotidiano aceitável”:

observando Vittorio agora, enquanto esperávamos que chegassem os demais, pensei no que escreve J.M. Coetzee – citando a Platão – a propósito da verdade e dos poetas. Platão acusava os poetas de preferirem sacrificar a verdade ao renunciar à beleza. Mas, se preferiam sacrificar a verdade, argumenta Coetzee, é porque estavam convencidos de que a beleza constitui uma verdade em si mesma. Vittorio e seus amigos, sem dúvida, haviam escolhido o bando dos poetas. E a mim, como repórter, cabia agora contar todas estas histórias. (...) Para conta-las no papel, decidi, finalmente, que tomaria um caminho intermediário. A recriação dos fatos em si mesma, deixaria fluir como a verdade pessoal de cada um (...) muitas vezes, é só isso que temos

⁵ Citamos aqui obras que reúnem suas produções jornalísticas como enviado internacional do jornal *La Vanguardia*: *35 días en China: el despertar del dragón*, *Maternidades* (2004), *Áfricas: cosas que no pasan tan lejos* (2006), *La vida a tragos, historias de Guatemala* (2009), *Vidas sin fronteras* (2010).

para nos sustentar com certa dignidade e uma pitada de beleza. (Rovira, 2016, p. 52)

Na contramão dos valores positivistas, o repórter espanhol assume, assim, uma narrativa de contornos dialógicos, alinhada à perspectiva Buberiana do Eu-Tu e interessada em estabelecer as duas partes “em-recíproca-presença” (Buber, 1982), isto é, para além das fixas estruturas da entrevista enquanto instrumento de captação, envolve-se com seus personagens na perspectiva de um diálogo possível (Medina, 2008): seu interesse jornalístico não está, deste modo, nos fatos brutos ou nos fatos puros, mas na apreensão do exercício criativo de cada sujeito na tarefa de organizar o caos existencial em cosmo significativo.

Poderíamos dizer, em referência a de Certeau (1994, p. 164), que a obra trata de uma trama das astúcias e táticas sutis, “numa ampla liberdade em cada um procura viver do melhor modo possível a ordem social e a violência das coisas”. Ou, ainda, que pelas histórias de vida de cada um desses personagens – em sua maioria, imigrantes vindos de outros países da Europa e da África –, o que está em jogo é o “sevirol humano”, como diz Cremilda Medina (1996, p. 218), essa capacidade, sobretudo dos que estão à margem – da narrativa e da sociedade –, de “se virar” e se arranjar com a vida, reinventando-se em situações emergentes.

Estamos a pontuar, neste sentido, uma produção jornalística que, para além da asséptica mediação registrada nos manuais de redação e historicamente consolidada no cerne da cultura profissional, reveste-se de uma mediação autoral e imersiva, em que repórter e fontes vivem experiências comuns no desenrolar dos dias – não apenas no ambiente do Centro de Serviços Sociais do bairro, local em que semanalmente se encontravam, mas também no bar Arri, na região do El Gòtic, em que tomavam café da manhã juntos, ou no Hospital del Mar, quando visitavam Juan Benavente, antigo legionário em Ceuta e Melilla, em recuperação após um derrame cerebral em uma noite de embriaguez, ou nas orlas da praia de Barceloneta, nos dias de verão, e, ainda, no restaurante de um amigo do italiano Vittorio, antigo mercenário de guerras africanas e cozinheiro, quando celebraram juntos a ceia de Natal, em 2004.

É interessante, inclusive, observar como Rovira destaca a partilha das refeições em sua narrativa e, mesmo, para compor o perfil dos personagens: nas escolhas dos *croissants* e cafés, nas mudanças e repetições, identifica os gostos e os humores de cada um – mobilizando uma apuração densa em detalhes e atenta às sensações que emanam quando o jornalista

mobiliza os seus sentidos: “perceber o real pela escuta, pelo tato, pelo paladar, pela visão e pelo olfato”, sugere Medina (2008, p. 95).

O pão, afinal de contas, recorda-nos Clarice Lispector (1998, p. 91) em seu conto *A repartição dos pães*, “é amor entre estranhos”:

brindamos pelos ausentes. Pela senhora Eulogía. Por Benavente, que seguia internado em uma residência com vistas à montanha de Tibidabo, já que agora não poderia nunca mais subir a montanha. Brindamos pela senhora Teresa, que pagou pela comida. Fantasiamos um pouco: talvez uma viagem todos juntos, disse Vittorio, a Johannesburgo, a Montserrat, disse Ramon (...). Vittorio me tomou pelo braço e me olhou nos olhos. Estava emocionado. – Sabe quem me ligou hoje pela manhã? – perguntou. – Geraldine – disse. – Minha filha! Da Inglaterra. Desejei a ela um feliz natal, e disse que pensaria nela, que sempre a tenho em meu coração. (...) Expliquei que as coisas por aqui estavam um pouco melhores, e que celebraria o dia na casa de alguns amigos (...) ainda que não tenha sido na casa de alguns amigos, foi entre amigos. Um Natal em família. (Rovira, 2016, p. 175)

Ressaltando a poesia que escapa à brutalidade cotidiana e sublinhando essas singularidades que se tecem para torná-la suportável, muitas das vezes apenas engendradas pelo passado que não se pode mais alcançar, ainda que sejam intermináveis para as mentes que sempre podem fantasiar, os registros de Rovira fogem à lógica dos binarismos que permeiam a cobertura noticiosa. O olhar dualista de certo e errado, de bem e mal, de vilão e mocinho não dá conta da complexidade da existência: o contraditório, para Maffesoli (1984, p. 112), é “o lote comum do mundo cotidiano, e o figurativo, o imaginal aí estão para prova-lo”. E complementa: “seja pela alegria artificial, exuberante e fragmentada ou pela distância interior, trata-se de mostrar que a existência não se deixa reduzir ao primário, pois sempre existe um secundário na vida” (p. 119).

CONCLUSÕES

A responsabilidade das mídias, sintetiza Charaudeau (2009, p. 271), no desfecho de seu livro *Discurso das mídias*, reside em suas escolhas. A seleção dos acontecimentos, a identificação das fontes, a prática da entrevista e da citação, o modo de contar: cada uma dessas etapas, conforme discutimos nesse estudo, integra o quadro de saberes e referenciais

partilhados pela comunidade jornalística, também denominada de tribo. O produto noticioso, assim, ao contrário do que sugere a teoria do espelho, reflete não a realidade dos fatos brutos, mas um *ethos* jornalístico historicamente construído e intimamente ligado aos polos simbólico e econômico que constituem o campo. Alinhado às demandas comerciais, portanto, um conjunto de representações, inscritos em uma esfera idealizada sobre o ser jornalista, consolidou-se ao longo dos últimos dois séculos e ainda paira sobre o imaginário profissional.

Há uma identidade profissional, pertencemos a uma comunidade que compartilha valores e interpretações comuns. Assumimos um modo de ser e um modo de fazer, e é preciso que ponderemos, especialmente cientes de que a identidade é um processo social dinâmico, que um *modus operandi* estanque tem seus entraves. Daí que se tome, ainda que como ponto de partida, exemplos de técnicas e valores jornalísticos divergentes — e aqui citamos o caso da jornalista brasileira Eliane Brum e, mais detalhadamente, do repórter catalão Bru Rovira — que contribuem com miradas alternativas, e que se realizam no contexto de uma mídia hegemônica. É preciso lembrar, por isso, que ainda que nossas análises tenham versado sobre o livro *Solo pido un poco de belleza* (2016), de Rovira, esse compila textos que foram originalmente publicados no tradicional jornal catalão *La Vanguardia*, durante três anos dos vinte e cinco em que ele ali trabalhou.

Suas escolhas noticiosas, tal qual procuramos evidenciar nessa investigação, situam-se no universo do que designamos “desacontecimento jornalístico”, a saber: uma predileção por fatos não-marcados pelos critérios de noticiabilidade, conferindo protagonismo ao homem ordinário, manifesta por um aparato narrativo que aciona dispositivos de diálogo e compreensão com suas fontes – tecidos sob uma escritura que também implica e questiona as próprias ações do repórter. A dinâmica de reportagem acionada por Rovira, podemos então dizer, é de uma ordem de contraposição no que toca às competências profissionais convencionalmente associadas à figura do jornalista. Sua mediação é imersiva, seu valor-notícia é o cotidiano, em seus traços comuns e fantásticos, sua mirada, antes de pretender-se objetiva, reconhece e reporta subjetividades e interferências, e suas técnicas de apuração conduzem registros sensíveis aos detalhes e espaços do dia-a-dia.

O dado social, afirma Maffesoli (1984, p. 27), em seus aspectos mais comuns, é potencialmente rico de imensas possibilidades e, através do jogo dos encontros, “pode provocar situações e momentos particularmente intensos”. É nesse emaranhado, defendemos, que o jornalismo e o jornalista devem se imbricar.

AGRADECIMENTOS

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), processo 2018/01541-9.

REFERÊNCIAS

- Brum, E. (2013). *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.
- Bru Rovira: “Busco las carreteras secundarias del periodismo” (2004, 28 de abril). *El País*. Retirado de https://elpais.com/diario/2004/04/28/sociedad/1083103211_850215.html
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Certeau, M., Giard, L. & Mayol, P. (2000). *A invenção do cotidiano 2: morar e cozinhar*. Petrópolis: Vozes.
- Chaparro, M. (2004). *Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus.
- Charaudeau, P. (2009). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- Foucault, M. (1975). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Galtung, J. & Hauge, M. (1965). The structure of foreign news. *Journal of Peace Research*, 2, 64-91.
- Heller, A. (2000). *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hoggart, R. (1973). *As utilizações da cultura*. Lisboa: Presença.
- Lage, N. (2001). *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: UFSC - Insular.
- Lage, N. (2005). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.
- Lispector, C. (1998). A repartição dos pães. In C. Lispector (Ed.), *Felicidade clandestina* (pp. 81-91). Rio de Janeiro: Rocco.
- Maffesoli, M. (1984). *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Martini, S. (2000). *Periodismo, noticia y noticiabilidad*. Buenos Aires: Editorial Norma.

- Medina, C. (1996). *Povo e personagem*. Canoas: Editora da Ulbra.
- Medina, C. (2006). *O signo da relação*. São Paulo: Paulus.
- Medina, C. (2008). *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática.
- Perec, G. (2010). Aproximações do quê?. *Alea*, 12(1), 177-180. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2010000100014>
- Rodrigues, A. D. (1999). O acontecimento. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: questões, teorias e estórias* (pp. 27-33). Lisboa: Vega.
- Rovira, B. (2016). *Solo pido un poco de belleza*. Barcelona: Ediciones B.
- Schudson, M. (1986). *Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis: Vozes.
- Sodré, M. (2009). *A narração do fato*. Petrópolis: Vozes.
- Stephens, M. (1993). *Uma história das comunicações: dos tantãs aos satélites*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Traquina, N. (1999). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Vol.1*. Florianópolis: Insular.
- Tuchman, G. (1978). *Making news: a study in the construction of reality*. Nova Iorque: The Free Press.
- Tuchman, G. (1999a). Contando “estórias”. In N. Traquina, *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 258-262). Lisboa: Vega.
- Tuchman, G. (1999b). A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In N. Traquina, *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 74-90). Lisboa: Vega.
- Ventura, M. & Abib, T. A. (2015). A notícia como desacontecimento: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum. *Revista Comunicação Midiática*, 10(3), 135-150. Retirado de <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/130>
- Wolf, M. (2003). *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Martins Fontes.

Citação:

Abib, T. A. & Ventura, M. S. (2020). O protagonismo do homem ordinário no jornalismo: reflexões a partir da narrativa de Bru Rovira. In Z. Pinto-Coelho; T. Ruão & S. Marinho (Eds.), *Dinâmicas comunicativas e transformações sociais. Atas das VII Jornadas Doutorais em Comunicação & Estudos Culturais* (pp. 165-181). Braga: CECS.